

Pesquisa de Cria Entrevista: saúde mental da população periférica

Érika Augusta da Silva¹

Um salve para você que nos lê!

Sinta-se em roda, como habituamos nos organizar, e se acomode à vontade para sentir as suas emoções.

Sou Érika Augusta, cria do Jardim Jaqueline, uma favela na Zona Oeste da cidade de São Paulo, e pesquisadora no Museu das Favelas, instituição cultural do Governo do Estado de São Paulo, gerida pelo idg² - Instituto de Desenvolvimento e Gestão.

“Pesquisa de Cria: Encontro de Saberes” é um projeto realizado desde julho de 2023 pelo Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca do Museu das Favelas³, que oportuniza espaço para a apresentação de pesquisas desenvolvidas por pessoas com vivências periféricas e faveladas, e tem como algumas das suas principais finalidades contribuir para a divulgação, a popularização e a troca de conhecimentos produzidos nesses territórios. Dessa maneira, suas atividades partem do reconhecimento de que ainda há poucos espaços para o compartilhamento de produções que tematizam assuntos relacionados à vida das pessoas que estão à margem das centralidades colonialistas, sejam elas resultados de pesquisas desenvolvidas no campo acadêmico, organicamente elaboradas a partir de relações e práticas do cotidiano, ou ambas possibilidades.

Assim, dando continuidade ao projeto que, a essa altura, estava na sua 11ª edição, e marcando o processo de reabertura do Museu das Favelas na Sé, Centro Histórico da cidade de São Paulo, as primeiras convidadas para o “Pesquisa de Cria: Encontro de Saberes”, em 2025, foram as membras-organizadoras do Coletivo PerifAnálise, Emília Ramos e Thainá Aroca, e a educadora Letícia Cortes, que trocaram saberes e experiências relacionados à saúde mental da população periférica, eixo em que, a partir de diferentes abordagens, todas atuam.

¹ Mestra em Estudos Brasileiros (IEB-USP), pesquisadora no Museu das Favelas e atual organizadora do “Pesquisa de Cria: Encontro de Saberes”.

² A partir de 2025, a sigla do idg passou a ser institucionalmente grafada em letras minúsculas.

³ O projeto foi idealizado por Laís Borges e Renata Furtado, à época, respectivamente, pesquisadora e coordenadora do Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca do Museu das Favelas. Inicialmente os encontros eram chamados apenas de “Pesquisa de Cria”, sendo ampliado em 2024 para “Encontro de Saberes”. A esse respeito, ver SILVA, 2024.



“Pesquisa de Cria: Encontro de Saberes - saúde mental da população periférica”,
realizado 16 de março de 2025. Foto: Museu das Favelas.

Sucesso de público, o encontro agora inaugura sua versão textual, com a intenção de ampliar seu alcance e oferecer nova alternativa para a visibilização e o reconhecimento de pessoas pesquisadoras originárias de diferentes territórios marginalizados.

Vou conduzir esse texto tal qual costumo fazer nos encontros presenciais, a começar, pedindo para que as convidadas se apresentem a partir das suas próprias palavras e referenciais do que avaliam ser importante dizer sobre si. Se essa é uma conversa que se propõe minimamente a questionar modelos academicistas de fazer e de compartilhar pesquisas, acredito que possibilitar que as pessoas falem sobre si mesmas é um exercício necessário para a promoção da sua autodefinição, considerando, inclusive, aspectos das suas vidas que dialogam com suas atividades de trabalho, mas que também as excedem. Então, vamos lá!

Érika – Letícia, Emília, Thainá, na ordem em que preferirem, cada uma diga, por gentileza, quem é, de onde vem, qual a sua formação, com o que trabalha e com o que descansa e se diverte...



Letícia – Sou Letícia Cortes, uma mulher negra, periférica e mãe solo. Sou cria do Capão Redondo, território fértil em potências e resistências, onde aprendi que o afeto também é uma forma de política. Sou estudante de Ciências Sociais, com formações complementares em Mediação de Conflitos, Justiça Restaurativa, Comunicação Não Violenta e Cultura de Paz, Filosofia Africana e Arteterapia.

Atuo como educadora social, facilitadora e co-criadora da Griôrizar⁴, iniciativa que une arte, ancestralidade e educação emocional popular para fortalecer comunidades, empresas e escolas na construção de vínculos mais humanos e conscientes. Sou também Diretora Criativa da marca VOLAT⁵, que usa a moda e a arte como ferramentas de transformação e impacto social sustentável.

Trabalho com o que acredito, processos restaurativos, educação emocional popular, construção de espaços seguros de escuta e relações saudáveis e conscientes, especialmente em territórios periféricos e racializados.

A arte sempre é um lugar de criação, mas também de descanso, amo ir em shows e apresentações musicais, teatros, museus e exposições. Também gosto muito de estar entre família e amigos, rindo, celebrando e comendo coisas gostosas que carregam e constroem memórias afetivas.



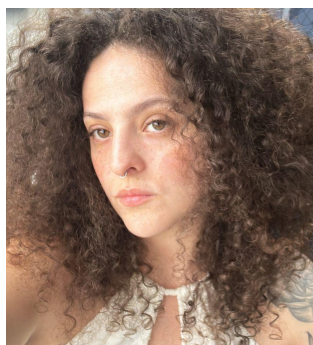
Emília – Sou a Emília Ramos, mulher, preta e migrante em São Paulo desde os 4 anos de idade. Vim junto com a minha família de um município chamado Utinga, a 40 km de Xique-Xique, sertão da Bahia. Até pouco tempo não sabia que a Utinga era considerada um território indígena/quilombola. Cresci na periferia da Zona Norte de São Paulo, até me mudar para a Cidade Tiradentes, e agora resido em São Mateus.

⁴ No Instagram, a página pode ser encontrada por: @griorizar.

⁵ Idem: @volatbrand.

Atualmente trabalho como psicóloga clínica com atendimentos particulares, e psicóloga em um serviço de saúde mental em São Mateus.

Descanso nos intervalos entre um trabalho e outro (clínica x CLT), e aos finais de semana com passeios culturais, encontros com amigos e familiares. E quando consigo conciliar tempo e dinheiro, gosto muito de viajar.



Thainá – Sou Thainá Aroca, nascida e criada na periferia Pq. Sta. Madalena, Zona Leste de São Paulo. Atualmente, moradora da Cidade São Mateus⁶. Carrego as vivências e conexões com esses territórios como parte fundamental da minha formação pessoal e profissional.

Sou psicóloga de formação e psicanalista, pós-graduada em Saúde Mental pela Santa Casa de São Paulo. Sou membra, organizadora e articuladora cultural do Coletivo PerifAnálise São Mateus⁷, com foco em um dos nossos eixos de trabalho que é a cultura.

É nas batalhas de rima, nos espaços da cultura hip-hop e encontros culturais com muita musicalidade, através de discotecagem, que tiro o meu lazer. Estive envolvida nas festas do meu bairro ao longo de toda minha infância e adolescência, sigo expressando uma vertente da minha alegria em espaços como estes.

Érika – Como vocês mencionaram, todas atuam, a partir de diferentes abordagens, com questões relacionadas à saúde mental. Por que ou como vocês começaram a pesquisar e a trabalhar nessas áreas?

Letícia – Comecei a pesquisar e trabalhar nessa área movida pela minha inquietação em entender os comportamentos, as relações sociais e por que nos relacionamos como nos relacionamos. Sempre tive um certo fascínio em observar, refletir e experienciar, com a minha própria existência, os modos como nos relacionamos. Ao mesmo tempo, sem estar firmada no desejo de “salvar” ninguém, sempre quis gerar transformações, em mim e ao redor.

Com o tempo, compreendi que falar de emoções não é falar apenas de sentimentos individuais, é falar de estrutura, de poder, de História. O sentir é também uma dimensão

⁶ Apesar do nome de fundação, Cidade São Mateus não é uma cidade com sistemas administrativos emancipados, mas um distrito do município de São Paulo.

⁷ No Instagram, a página pode ser encontrada por: @perifanalise_sao_mateus.

política. Quando um corpo é impedido de sentir, de nomear suas dores, suas alegrias e desejos, ele é também impedido de existir plenamente em sua inteireza.

Para corpos-territórios periféricos e racializados não brancos, essa "desconexão" do sentir é herança de séculos de dominação. Por séculos, aquilo que era sabedoria corporal foi deslegitimado e animalizado. Nossos corpos foram lidos apenas como força de trabalho, nunca como fonte de pensamento, conhecimento e intelectualidade. Nos ensinaram a existir em estado de sobrevivência e, nesse processo, fomos afastados do reconhecimento dos nossos sentimentos como sabedoria. O sentir foi separado do pensar, como se emoção e razão não pudessem habitar o mesmo corpo.

Mas o corpo guarda memória, guarda ciência, guarda história. E é a partir dessa consciência que a minha pesquisa, o meu trabalho e o que tenho construído com a Griôrizar nascem. Tudo isso faz parte de um movimento de retomada do sentir como prática de cura, de consciência e de liberdade. Retomar o sentir é também retomar a nossa intelectualidade. É reivindicar o direito de refletir sobre a sociedade a partir do corpo, das experiências, das dores e alegrias que nos atravessam.

Emília – A Psicologia chegou na minha vida como autoconhecimento mesmo, e porque eu precisava de uma graduação. Não tinha muita ideia do que era, mas sendo bolsista integral, segui com o curso até o fim e fui identificando o quanto a Psicologia era elitizada e eu não me identificava com muita coisa daquele modelo clínico que era ensinado. Por isso, logo após finalizar a graduação, procurei lugares em que eu pudesse complementar meus estudos, pois não tinha dinheiro para bancar um consultório particular e nem estava trabalhando na área.

Inquieta e curiosa que eu sou, foi aí que em maio de 2020 conheci a PerifAnálise de São Mateus e estou desde então. E tem sido um trabalho muito árduo de entender as camadas periféricas.

Passei a estudar a interseccionalidade e o quanto é fundamental estudar essa teoria no contexto brasileiro. Porque os livros tanto de Psicanálise quanto de Psicologia, trazem referências do exterior, então, me aprofundar nesse estudo, me possibilitou entender as camadas da formação do inconsciente no Brasil. E tem me movido desde então, principalmente por onde eu passo, com a minha família e com os meus sobrinhos, semeando essa semente.

Thainá – Foi na faculdade de Psicologia e a partir da minha vivência periférica ao longo da formação da graduação, a princípio solitária, que começo a pensar saúde mental de forma crítica e popular, estes foram os primeiros nomes/palavras que dei para o que estava tentando fazer. Nesse momento, eu iniciei e compartilho (numa rede social) um pouco das minhas leituras sobre o tema da saúde mental de autores latino-americanos e negros que não estavam na grade do curso de Psicologia. Na falta de espaços como estes, fui em busca por espaços acessíveis de estudo e de troca de conhecimento dentro e fora da graduação, aí encontro e passo por algumas coletividades até chegar na PerifAnálise. A partir daí, o que antes foi uma experiência solitária, passo a compreender como uma experiência coletiva e política.

Érika – No nosso encontro presencial, algumas pessoas em formação e em atuação profissional relataram passar por dificuldades para o reconhecimento dos saberes e das experiências marginalizadas como legítimas e urgentes de serem abordadas e valorizadas. Em algumas das suas falas, é perceptível que isso também aconteceu com vocês, né? Vocês veem possibilidades ou estratégias para a subversão desse contexto?

Letícia – Sim, já passei e continuo passando. Estar em espaços onde o conhecimento ainda é hierarquizado a partir de lógicas coloniais e brancas exige de nós uma presença que é, ao mesmo tempo, afirmação e enfrentamento. Muitas vezes, o que vem do corpo, da periferia, da oralidade ou da ancestralidade é visto como menor, como se só fosse legítimo o que é validado por instituições e linguagens específicas.

Mas o que me move é justamente tensionar essas fronteiras. O que chamam de “margem”, eu compreendo como berço de sabedoria. O território periférico, o corpo negro, as vivências dissidentes são lugares de invenção, de resistência e de criação de novos mundos possíveis. A subversão, para mim, é cotidiana, é o gesto de ocupar esses espaços sem abrir mão da nossa linguagem, da nossa forma de sentir, pensar e existir.

As estratégias passam por construir coletividade. Quando nos reconhecemos uns nos outros, quando afirmamos nossos saberes entre nós, desmontamos o olhar que tenta nos reduzir. A arte, a palavra e a escuta são ferramentas que uso para transformar ferida em fonte e ausência em presença.

Acredito que subverter é continuar existindo com dignidade, mesmo quando o mundo insiste em nos negar. É criar brechas de sensibilidade dentro de estruturas que tentam nos endurecer. E é nesse entre o corpo e a palavra, que sigo criando e existindo.

Emília – Sim, passei durante a graduação, autores ou teóricos negros não estão na grade e nem são considerados. Quicá citados. E ainda passo atualmente, pois muitas vezes nos deparamos com falas como “o inconsciente não tem cor”. Em contextos de Brasil?

A Psicologia não se atualiza e pelos relatos no dia da roda de conversa, ainda hoje, não mudou muito do tempo em que eu concluí a graduação.

Já passei por uma situação em que, ao ministrar uma palestra com uma membra do coletivo PerifAnálise, compondo a mesa com outra intelectual, essa mulher se dirigiu a nós verbalizando que falaria primeiro, pois ela traria mais a “teoria”, depois nós traríamos as vivências (sic). Ou seja, ignorou totalmente a nossa intelectualidade, nossos anos de estudos, nossos conceitos e teorias. E quem disse que da vivência não pode surgir uma teoria? Ou conteúdo intelectual? Citamos isso nas nossas falas posteriormente. Não nos silenciámos. Sempre veem o periférico como menor e menos intelectual.

A forma que eu vejo como estratégia de mudança é a expansão e a introdução desses teóricos na grade da graduação em Psicologia. Mais que isso, domínio sobre a teoria e redes para fortalecimento dos coletivos, para os alunos periféricos não sentirem a universidade como um ambiente tão hostil e separatista, é por fim uma estratégia de aquilombamento.

Thainá – Infelizmente, me reconheci e me identifiquei nas experiências relatadas em nosso encontro. É muito triste que após quase 7 anos de formada, as graduações de Psicologia não estejam organizadas a nível institucional, para escutar os seus alunos e não reduzi-los a discursos estigmatizantes, a mero discurso “militante”.

Nos últimos anos, tenho visto algumas iniciativas interessantes. A estratégia de organização em coletividades é de extrema importância, poder passar pela graduação de forma coletiva é uma estratégia de sobrevivência para muitas pessoas periféricas e negras. Conheci o trabalho da ANPSINEP (Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es)), que tem uma atuação consistente dentro das graduações para trazer debates que ainda ficam relegados nas graduações, como, por exemplo, sobre a temática étnico-racial. Entendo que o debate sobre experiências como estas precisa necessariamente passar pela discussão racial brasileira e interracial (entre brancos e negros), uma vez que, até pouco tempo atrás, nas graduações de Psicologia só se tinha referências brancas europeias.

Érika – Embora não seja surpreendente, é lamentável que esse cenário ainda seja tão comum nas trajetórias de formação no nosso país, em todas as áreas, inclusive. Mas essa ausência de reconhecimento da nossa diversidade e subjetividade, me lembrou que tenho ouvido bastante sobre a necessidade de nomeação dos nossos sentimentos e emoções, e quero ouvir mais de vocês, qual a importância dessas elaborações? Especialmente para a nossa população, que sofre com a imposição de estar sempre pronta para “levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima”⁸, sem tempo para experienciar e transformar o que sentimos.

Letícia – A nomeação dos sentimentos é um ato político. Durante muito tempo, fomos ensinados a engolir o que sentimos, a seguir em frente sem olhar para as dores, a acreditar que sentir é fraqueza. E, para nossa população, marcada pela urgência da sobrevivência, o “levantar e seguir” virou uma forma de autopreservação, mas também um mecanismo que nos afastou do direito de elaborar o que sentimos.

Nomear as emoções é o primeiro passo para transformar o que nos atravessa. Quando conseguimos dar nome ao que sentimos, recuperamos a possibilidade de escolha, de direção, de consciência. É nesse ponto que entra a educação emocional popular, ela nos convida a compreender que o sentir não é um processo apenas individual, mas coletivo. E compreender que o letramento emocional precisa partir das nossas próprias produções de conhecimento, dos nossos corpos, territórios e linguagens, para elaboração com e para nós.

O que sentimos não nasce no vazio — nasce das estruturas sociais, das violências históricas, das relações de poder, mas também das alianças, dos afetos e das resistências que compartilhamos. Quando entendemos isso, percebemos que sentir não é sinal de fraqueza, é sinal de humanidade e de pertencimento.

A virada de chave está justamente em reconhecer que cuidar de si é também cuidar do coletivo. Que o letramento emocional pode ser uma ferramenta de emancipação quando nasce dos nossos contextos, das nossas linguagens e das nossas realidades.

Educar emocionalmente não é apenas falar de sentimentos, é construir consciência de mundo, é politizar o afeto, é entender que a cura não é um caminho solitário, é um processo comum, feito de partilha, de escuta e de presença.

⁸ Menção à letra da música “Volta por cima”, escrita por Paulo Vanzolini (1924-2013) e popularmente conhecida nas vozes de Noite Ilustrada (1928-2003) e Beth Carvalho (1946-2019).

Emília – Foi criada no imaginário popular essa necessidade de não sentir, de não cultivar sentimentos vistos como negativos (raiva, ódio, revolta), sobretudo numa promessa de que uma divindade ou ser sobrenatural irá interceder pelo pobre. Muitas vezes esse estado de inércia faz com que a população periférica não reaja, não tenha raiva ou ódio de um sistema que mói a nossa carne diariamente e nos adoece. É como se o periférico tivesse “casco de tartaruga” e não carne e osso. Por isso que eu acredito na necessidade de colocar para fora, porque desangustia e amplia o olhar para além do que a gente pode enxergar ou do que foi determinado para nós. Acredito também na força e no poder da coletividade, porque sozinho/a é bem mais difícil.

Thainá – Pessoas dão nome ao que vivem porque esta é uma das formas humanas de reconhecer experiências e dar o lugar de existência a elas. Uma história não contada, não existe. Quando falamos de experiências marginalizadas, estamos falando também de um histórico social e cultural de silenciamento de experiências, sensações e violências impedidas sistematicamente de serem nomeadas. Dar nome, colocar palavra, fazer existir é não só uma forma de humanizar pessoas e suas experiências, como também é uma forma de combate à violências silenciadas que são perpetuadas, é uma defesa da vida, da existência dessas pessoas.

Érika – Coletividade é um assunto bastante acionado por todas vocês, e entendo que ler, escrever, dar um rolê, estar em comunidade, entre outras atividades, são estratégias que podem ser utilizadas no cotidiano como recursos terapêuticos, mas que não são terapia, certo? Vocês podem falar um pouco mais sobre como essas questões se aproximam e se distanciam?

Letícia – Sim, são estratégias potentes de cuidado e de regulação e gestão emocional, mas não substituem o processo terapêutico. Ler, escrever, dançar, dar um rolê, estar em comunidade ou simplesmente respirar com presença são formas de se reconectar com o corpo e com o sentir. São gestos que nos ajudam a não endurecer diante da vida e a criar pequenas pausas dentro do caos.

Mas é importante lembrar que essas práticas, embora tenham efeito terapêutico, não são terapia. A terapia envolve um processo de acompanhamento, com metodologia, escuta qualificada e continuidade. O que precisamos compreender é que o cuidado não se

resume ao consultório. Ele também pode nascer da rua, do terreiro, da cozinha, do quintal, da roda, da partilha.

Essas práticas cotidianas são caminhos de autoconhecimento popular, jeitos de cuidar que se entrelaçam com nossa cultura e nossas ancestralidades. Quando dançamos, cozinhamos, cantamos ou conversamos com quem amamos, estamos, de certa forma, curando partes de nós que o sistema tentou silenciar.

O que defendo é que a gente amplie o entendimento de saúde mental para além da lógica biomédica, reconhecendo que o cuidado emocional também é social, político e comunitário. Estar em comunidade é terapêutico, porque nos lembra que não estamos sós. E talvez a maior cura venha justamente daí: de poder existir entre, e não apenas dentro.

Emília – A periferia é muito rica em lazer, apesar do pouco investimento. E todas essas possibilidades são terapêuticas, mas não são terapia, porque envolve a pessoa, socializa, tira da zona de conforto e mexe com sentimentos, mas nada substitui a Psicoterapia ou a Análise, que é um acompanhamento contínuo e semanal, mesmo que ainda seja bastante inacessível para a maior parte da população.

Thainá – Penso que o que estamos dizendo com essa afirmação é, basicamente, que para viver é inegociável estar vivão e vivendo, e isso pode produzir saúde. Mas o processo psicoterapêutico e/ou analítico - Psicanálise - (que são diferentes), é uma experiência específica (que não pode ser comparada a essas outras vivências) que pode, através de uma metodologia/abordagem, de um tipo de escuta específica, auxiliar uma pessoa interessada a investigar sobre si, seus modos de viver e de sofrer, suas práticas, e conduzi-la a uma vida que faça mais sentido e que valha a pena ser vivida.

Érika – Ainda nessa perspectiva de dinâmicas e produções que se relacionam com o campo de atuação de vocês, acho importante mencionar que a Letícia tem projetos com arteterapia, o Coletivo PerifAnálise atende na Favela Galeria de São Mateus e, no dia do nosso encontro, tivemos uma exposição fotográfica do Leste Analog, à convite da Thainá, que mexeu com muitas memórias e emoções do nosso público... Qual(is) relação(ões) vocês estabelecem entre arte e saúde mental?

Letícia – A arte é território de saúde mental. Ela nos permite acessar memórias, emoções e sensações que muitas vezes não conseguimos nomear com palavras. Projetos como os que desenvolvo com arteterapia, e o trabalho do Coletivo PerifAnálise na Favela Galeria, mostram que a arte atua como espaço de escuta, expressão e encontro. Ela é uma ferramenta que nos ajuda a reconectar com o sentir, a dar sentido às experiências, a criar narrativas próprias e a ocupar o espaço do nosso corpo-território de forma consciente e legítima.

Para territórios periféricos e racializados, a arte é também resistência. É forma de cura, mas é também afirmação, memória e política. Cuidar da saúde mental por meio da arte é perceber que sentir, pensar e criar são processos interligados. É transformar vivências individuais em experiências coletivas de reconhecimento e pertencimento.

Emília – Na graduação nós somos ensinados que o consultório tem que ser algo sóbrio e neutro, para não interferir na análise, mas a arte é um elemento importante durante esse processo em saúde mental. Trabalhando num CAPS adulto vejo isso diariamente, a possibilidade de criar, estimular a criatividade, imaginação e a descoberta que muitas vezes quem imaginou que não tinha capacidade para fazer arte, se vê como alguém que produz e que é útil.

Estimular isso é essencial, pois a periferia é baseada na arte, arte de rua, no comércio, é o que dita a moda, a decoração. E é democrática, pois qualquer pessoa pode ser artista.

Tenho desenterrado talentos que por muitos anos eu tinha deixado de lado, como o artesanato (crochê, reciclagem e pintura), e me redescobrir fazendo arte, depois de uma questão grave de saúde, tem sido um processo muito importante.

Thainá – As artes, de modo geral, são modos de expressão, de tradução da experiência de estar vivo. De novo, viver e estar vivo é inegociável para produção de saúde, e compartilhar essa experiência das mais diversas formas nos coloca no mundo.

Érika – Então, se vocês pudessem, e aqui vocês podem, indicar um texto, um podcast, uma música ou qualquer outro tipo de produção para quem nos lê, qual(is) seria(m)?

Letícia – Indicaria os livros "Saber de Mim: Autoconhecimento em escrituras negras", das psicólogas Bárbara Borges e Francinai Gomes. "Memórias da Plantação", da Grada Kilomba, e "Pele Negra, Máscaras Brancas", de Frantz Fanon.

E eu gosto muito de ouvir o podcast "Bom mesmo é ser emocionada", da Luana Carvalho.

Emília – Eu tenho lido muita coisa de Psicanálise e leitura Interseccional (raça, classe e gênero). Então vou indicar Léila Gonzalez, "Por Um Feminismo Afro-Latino-Americano", Neusa Santos Souza, "Tornar-se Negro", e Carolina Maria de Jesus, "Quarto de Despejo". Esse último eu sou APAIXONADA, o que a Carolina escreve é surreal de bom, é tocante e tão real, mas ao mesmo tempo doído... Indico também o podcast "Afetos", da Gabi de Pretas.

Thainá – Poderia fazer uma lista gigante rsrs, mas vou fazer uma indicação de uma playlist, de uma música e de um livro que tem me preenchido de muitas formas e me trazido muita alegria, reflexões, memórias e emoções nos últimos meses, e é a playlist que escutei para escrever esta entrevista. Indico a playlist pública produzida pela Editora Fósforo: "Balanço afiado", de Allan da Rosa e Deivison Faustino, com vasto repertório das músicas mais babado de Jorge Ben. Uma playlist inspiração do livro escrito por eles dois (Deivison e Allan) sobre a obra de Jorge Ben Jor: "Balanço Afiado - Estética e política em Jorge Ben", livro que indico também.

Quero ainda destacar, em especial, a música "Porque é proibido pisar na grama!". Jorge Ben é um artista que, na minha opinião, traduz vida para nós.

Érika – Letícia, Emília, Thainá, é uma honra estar com vocês mais uma vez, inaugurando esse formato do "Pesquisa de Cria", que certamente alcançará novas pessoas. Obrigada pela abertura e pela colaboração tão generosas! Agradeço igualmente à leitura de quem nos acompanhou até aqui. Há outras coisas que vocês queiram dizer para encerrarmos nosso bate-papo?

Letícia – Quero agradecer ao Museu das Favelas e ao "Pesquisa de Cria" por essa oportunidade e por toda a generosidade na construção deste encontro. É muito potente estar em espaços que valorizam a pesquisa, a criação e o cuidado como ferramentas de transformação.

Espero que este projeto siga alcançando pessoas, despertando reflexões e a possibilidade de se reconectar com o sentir e com o coletivo. Que possamos cuidar de nós e uns dos outros, reconhecendo que nossos sentimentos, memórias e saberes são legítimos e necessários.

Emília – Quero muito agradecer ao Museu das Favelas e o convite do “Pesquisa de Cria” pela oportunidade, num lugar tão simbólico que é o espaço do Museu.

Acho importante trazer a reflexão também que nosso corpo é político. Mas peço para nos cuidarmos, nos protegermos e de vez em quando nos “desintoxicarmos” de tanta coisa ruim acontecendo o tempo todo.

Senão, nosso corpo adoece somatizando tudo, não podemos esquecer de nós mesmos, ter cuidado com a alimentação, com saúde física e uma boa rede de apoio, que não vem só da família, mas de toda e qualquer pessoa/grupo de pessoas que nos faça sentir bem e seguros. Isso é ensinamento ancestral, uns cuidavam dos outros. “Tudo que nós tem é nós” (Emicida).

Thainá – Quero agradecer pelas várias possibilidades que o Museu das Favelas, através desta e de toda sua programação, tem oferecido para as pessoas faveladas. Para podermos contar nossas histórias, para existir, ocupar e nos fazermos presentes, se assim bem quisermos. Desejo vida e vida em dignidade para o nosso pessoal!

Referência:

SILVA, Érika Augusta. Um museu, sua educação e pesquisa à serviço do passado, presente e futuro das favelas. **Revista Museu**, 18 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2024/19670-um-museu-sua-educacao-e-pesquisa-a-servico-do-passado-presente-e-futuro-das-favelas.html>>. Acesso em: 10 out. 2025.

Indicações das entrevistadas:

AFETOS. [Locução de]: Gabi Oliveira. *Podcast*. Disponível em: <<https://podcasts.apple.com/br/podcast/afetos-por-gabi-oliveira/id1467645972>>. Acesso em: 1 dez. 2025.

BOM MESMO É SER EMOCIONADA. [Locução de]: Luana Carvalho. *Podcast*. Disponível em: <<https://www.podchaser.com/podcasts/bom-mesmo-e-ser-emocionada-5691560>>. Acesso em: 1 dez. 2025.

BORGES, Bárbara; GOMES, Francinai. **Saber de Mim**: Autoconhecimento em Escrevivências Negras. São Paulo: Edições 70, 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FÓSFORO, Editora. **"Balanço afiado", de Allan da Rosa e Deivison Faustino**. Playlist pública. Disponível em: <<https://open.spotify.com/playlist/2vmII2RmfuBMBOkwWHQnYx>>. Acesso em: 1 dez. 2025.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.). **Por Um Feminismo Afro-Latino-Americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ROSA, Allan; FAUSTINO, Deivison Mendes. **Balanço Afiado**: estética e política em Jorge Ben. São Paulo: Perspectiva, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.